

A organização geográfica do terreiro de candomblé contribuindo para ensino da geografia

Resumo: Esse artigo é fruto de uma pesquisa realizada sobre formação de professores e o ensino da geografia. O seu objetivo é descrever a organização do espaço geográfico sacralizado terreiro de candomblé, religião de matriz africana, destacando a importância da geografia para a prática religiosa do Candomblé e para o ensino dessa disciplina. A partir de uma abordagem da geografia cultural, refletimos a respeito dos espaços do terreiro de candomblé *Ilê Axé Ijexá Olufon Orixá*, localizado no bairro Santa Inês, em Itabuna, Bahia. Consideramos sua organização geográfica como interface pedagógica para o ensino da geografia. Podemos destacar que o terreiro utiliza-se de elementos da geografia, contribuindo como fonte de pesquisa, estudo e ensino, bem como sínteses de religiosidade, colaborando para manter e recriar tradições e culturas afro-brasileiras.

Palavras-chave: Educação no terreiro. Redes educativas. Africanidade. Espaço geográfico. Geografia cultural.

Luzineide Miranda Borges
Universidade Estadual de Santa Cruz
neide.luzi@gmail.com

Raimundo Nunes de Oliveira
Secretaria Municipal de Educação de Arataca
rmenesajagunan@hotmail.com

Stela Guedes Caputo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
stelauerj@gmail.com

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.

Tierno Bokar

Introdução

Geografia e religião sempre fizeram parte da vida do ser humano. Mesmo antes da ciência geográfica e das instituições religiosas, o ser humano já praticava geografia e cultuava de alguma forma a natureza. Como expressão cultural, a religião nos possibilita a entender os costumes de um grupo cultural ou até mesmo de uma sociedade, uma vez que ela determina comportamentos definindo visões de mundo. Para compreender os sentidos que os candomblecistas dão aos espaços que ocupam dentro do terreiro de candomblé recorreremos aos estudos da geografia cultural. Esta busca analisar a organização geográfica territorial e a espacialização na paisagem do terreiro como um todo, visando, especificamente, o local e as interfaces humanas que perpassam esses elementos, suas alterações e contribuições nos processos de compressão e alteração dos espaços.

(1) O ILÊ AXÉ IJEXÁ ORIXÁ OLUFON é uma sociedade religiosa de culto afro-brasileiro, de origem nagô, da nação Ijexá, consagrado a Oxalá, fundado em cinco de setembro de 1975 e mantido pela Associação Santa Cruz do Ijexá – ASSANCRI. O responsável por ele é o Babalorixá Katulembá. Mais informações em: <http://www.ijexa.com.br/index2.php?page=nossa_casa>.

A geografia cultural contribuiu, assim, para a compreensão das religiões afrobrasileiras e seu processo de construção e sacralização do espaço vivido, que aqui é sintetizado no terreiro de candomblé, *Ilê Axé Ijexá Olufon Orixá*, na cidade de Itabuna, Bahia, no Bairro de Santa Inês.¹ O trabalho procurou identificar a relação do candomblé com a natureza e a construção de territorialidade, na constituição da paisagem do terreiro. O objetivo da pesquisa foi compreender como se dá a organização do espaço geográfico sacralizado do terreiro de candomblé, religião de matriz africana, destacando a importância da geografia para a prática religiosa dos candomblecistas, e como esses conhecimentos podem contribuir para o ensino da geografia.

Ninguém entra no terreiro sem saudar o sagrado que compõe esse espaço. Logo na entrada saudamos exu, orixá guardião das entradas e das encruzilhas. A intensa presença de subsídios geossimbólicos confere ao terreiro um sentido, uma identidade e também uma espiritualidade cujo auge é revelado na criação de um conjunto de representações simbólicas que engendram uma rede de significados e que se associam a um ordenamento inexaurível de fluxos e fixos, considerados decisivos para organização do espaço sagrado. (ROSENDAHL, 2010, p. 45)

O sagrado aqui representado pelas cidades-santuários pode ser considerados lugares onde o simbolismo religioso comporta um conjunto de elementos geossimbólicos constituídos por templo, santuários, estátuas, colinas, fontes, lagos, roteiros devocionais etc., estabelecendo uma ligação com o homem religioso, aproximando-o de sua vida comum. (ROSENDAHL, 2010, p. 41)

Tomando emprestado o conceito de sagrado de Rosendahl (2010) e Corrêa (2007), podemos afirmar que os artefatos geossimbólicos (assentamentos dos orixás, matas, rios, cachoeiras, árvores, fontes) presentes onde está construído o Terreiro *Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon* compõem o espaço sagrado onde os elementos hierofânicos que constituem o espaço sagrado das religiões afrobrasileiras, no nosso caso específico, o candomblé constitui uma ligação com os candomblecistas e com a natureza em torno do divino.

Como espaço sagrado, Rosendahl (2002, p. 30) vem afirmar que:

O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para

um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas, e Deus, nas monoteístas.

(2) Altares consagrados aos orixás.

Já Póvoas (2007) vai trabalhar o conceito de sagrado a partir dos estudos afroreligiosos considerando o terreiro como um espaço sagrado cujo geossimbolismo leva anos para ser construído, obedecendo à lógica dos orixás.

Acontece que o terreiro é um espaço organizado em estruturas que obedecem à rigorosa ótica dos orixás. São eles que determinam tudo: localização, tipo de construção, distribuição espacial. E essa geografia leva anos para se completar. (p. 268). As árvores, os bichos, as pedras, os ribeirões, os rios, as fontes e demais componentes fazem parte do templo e, por isso mesmo, são também considerados sagrados. (PÓVOAS, 2007, p. 400)

Os terreiros de candomblé procuram se organizar de modo a abrigar na sua estrutura a força regente dos Orixás, com isso se utiliza dos conhecimentos da geografia. Assim, as construções nesses ambientes, de maneira simbólica, abrigam os fenômenos naturais e seus respectivos deuses: chuva (Nanã), relâmpago (Iansã), trovoadas (Xangô), enchentes (Oxum), maremotos (Iemanjá), terremotos (Obaluaiê) dentre outros, pois cada Orixá está ligado a um elemento da natureza e aos fenômenos a ele relacionados. Partindo desses pressupostos, pode-se dizer que a geografia está relacionada diretamente com a religião do candomblé. Cotidianamente, os povos de terreiros convivem com ela. O universo, os astros, o relevo, o clima, a vegetação, a hidrografia que é trabalhada nesta área do conhecimento, se relacionam com os Orixás.

O espaço geográfico do terreiro estudado está organizado em duas dimensões: o espaço do profano e o espaço do sagrado. O primeiro, normalmente habitado pelas pessoas que nele circulam em sua cotidianidade. O segundo, dedicado ao culto dos Orixás. Esse segundo espaço, por sua vez, tem duas amplitudes. Uma, fechada, constituída de construções, *pejis*,² quartos de consultas, barracões etc. A outra, espaço aberto, com árvores, arbustos,

plantas. Vale assinalar que o espaço considerado profano está dividido em ambientes diversos, conforme as necessidades da comunidade: cozinha, refeitório, despensas, lavador de pratos, avenidas de alojamentos, lavanderia, depósitos, criatório de animais, residência de caseiro, jardineiras, reservatório de água. Para Eliade (1992), o espaço sagrado e o profano são espaços culturalmente produzidos pelo homem, sendo o espaço sagrado o espaço em que a manifestação dos orixás estão presentes e o espaço profano é o oposto do sagrado, “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras”. (ELIADE, 1992, p. 25)

Figura 1 - Praça da Andiroba onde estão distribuídos os assentamentos dos Orixás.



Fonte: Acervo de Nunes (2014) para esta pesquisa.

Por sua vez, o espaço considerado sagrado termina por configurar uma espécie de memória ao continente africano de onde vieram os primeiros pertencentes das religiões afrobrasileira. Como exemplo do espaço sagrado tem os *pejis* ou *igbás*, que são espécies de altares, onde os orixás são cultuados, também são conhecidos como assentamento do santo. Esses *pejis* se ligam a várias origens africanas, o *peji* de Oxum, por exemplo, no terreiro que pesquisamos, tem na sua entrada uma fonte luminosa com cascatas para simbolizar os rios e cachoeiras por que essa orixá é uma referência, aqui na diáspora brasileira, do rio Oxum que se encontra na cidade de Osogbo na Nigéria. Ainda em relação ao

território, valem registrar que o espaço do sagrado também engloba certas árvores bastante frondosas, algumas vindas da África, que se constituem em *pejis* vivos. Outro exemplo de espaço sagrado encontrado nesse terreiro é Mata de Oxóssi, que permanece tal qual quando a propriedade foi adquirida, há quarenta anos.

Há muito, compreendemos com Alves (2010), que os muros das escolas são criações imaginárias e que vivemos e aprendemos todos “dentrofora”³ das escolas, ou seja, em redes educativas. Acreditamos que os terreiros de candomblé com toda sua produção histórica, material e simbólica, com seus modos de vida, e, portanto, com suas culturas⁴ estão nessas redes educativas. É assim que vemos acontecer ensinamentos de geografia nos cotidianos do *ilê*,⁵ das formas mais simples às mais complexas. Em um bate papo, na hora do café, em um encontro de mais velhos com mais novos, nos rituais, na cozinha, ou apenas nos olhares.

Essas redes se inter cruzam e são retroalimentadas pelos saberes produzidos e partilhados nos encontros dos sujeitos que estão *dentrofora* dos terreiros, por que a cultura é dinâmica, viva e contextual. Para Geertz (1978, p. 15)

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.

A cultura surge, nessa perspectiva, como uma ponte que viabiliza a relação do ser humano e da sociedade com o espaço. Quando os africanos vieram para o Brasil no período escravocrata trouxeram mais que sua força braçal para o cultivo da cana de açúcar e café, transportaram seus conhecimentos territoriais na sua memória, que é coletiva, e recriaram o espaço simbólico africano em terras brasileiras. Primeiro nas senzalas e quilombos e hoje nos terreiros de candomblé. Desterrados e desterritorializados os africanos encontraram na sua capacidade criativa, apoiada na imaginação geográfica o desenvolvimento da capacidade humana de simbolizar para resistir ao cativeiro. (CÔRREA, 1999)

Assim, encontramos ainda hoje nos terreiros essa capacidade cultural inventiva e simbólica dos povos nagôs presente na organização espacial, *peji* de Ogum, Mata de Oxóssi e fonte de

(3) Nilda Alves (2010) prefere grafar *dentrofora* e diversos outros conceitos desta forma unida, para indicar a necessidade de algumas pesquisas nos/ dos/com os cotidianos de ir além dos limites herdados das ciências modernas.

(4) Para Raymond Williams (2007), a noção de cultura está impregnada da produção histórica, material e simbólica da sociedade e suas lutas. Cultura, na concepção de Williams é modos de vida.

(5) *Ilê* significa casa em Yorubá.

(6) OXALÁ. Orixá masculino, da paz, do amor e da sabedoria, considerado o pai da criação.

Oxum são criações simbólicas produzidas pelos povos africanos na diáspora brasileira. A importância da geografia para os terreiros é tanta que ela começa já com a escolha do território, que não se dá por vontade própria. O espaço para construir o terreiro é revelado pelos orixás no jogo de búzios. (PÓVOAS, 2007) Trata-se, como diz o povo nagô, de plantar o axé da casa. Daí a importância da orientação geográfica. Justamente por isso, a escolha do território é determinante e não pode acontecer sem a orientação dos orixás.

Nessa perspectiva, os geossímbolos podem estar representados por pontos fixos, por exemplo, rochedos, árvores, construções, rios, desníveis, e itinerários reconhecidos, desenhando no solo uma semiografia elaborada pelos signos, figuras e sistemas espaciais, que são a 'representação da concepção que os homens produzem do mundo e dos seus destinos' (CORRÊA, 2006, p. 54)

Os geossímbolos são determinantes na escolha da localização, por exemplo, é necessário observar a localização da nascente do sol e do poente, para centralizar o marco principal do axé. Um terreiro de candomblé consagrado ao orixá Oxalá,⁶ por exemplo, precisa ser erguido no ponto mais alto de uma localidade ou numa altitude mais elevada em relação ao nível do mar por se tratar de uma energia do ar. É por isso que o *Ilê* onde desenvolvemos nossa pesquisa está numa altitude de 100 metros. Percebe-se que há uma transformação do espaço na paisagem geográfica nos terreiros, desde a construção do espaço central, chamado de barracão, até as áreas urbanizadas onde residem as pessoas.

Educar no espaço sagrado do *Ile Ijexá*

Os cotidianos de terreiros ensinam de vários modos. Contudo, um elemento crucial une e costura todos os aprendizados: o pertencimento. Pertencer a uma casa de axé que cotidianamente liga e religa nossas vidas aos ancestrais é o embrião, para que o povo de santo faça nascer um diferente modo de cidadania. O candomblecista, a candomblecista são cidadãos de axé. Esse é o principal aprendizado, utilizado *dentrofora* do terreiro.

No terreiro tudo ensina e aprende. Os rituais, a cozinha, as rezas, as danças, as músicas, os toques, a geografia do espaço. (CAPUTO, 2012a) Sendo esse o espaço sagrado o caminho metodológico, para aprendizagens que, muitas vezes, ocorrem no fazer brincando,

e no brincando fazendo. Formas lúdicas também utilizadas nas escolas convencionais, mas que, dentro do *ilê*, acontecem sem hora marcada, sem tempo previsto ou formalizada. Outro modo de “aprenderensinar” observado nesse terreiro pesquisado refere-se às oficinas que utilizam a água e o barro, matérias primas naturais usadas para cura e para o artesanato. As oficinas são aulas de arte, com foco na prática da cura, dentro das ricas culturas trazidas pelos nossos ancestrais.

Outro aprendizado geográfico que ganhamos quando visitamos o terreiro pesquisado foram os conhecimentos produzidos nas rodas de conversas em que a natureza está sempre no enredo das histórias mitológicas contadas pelos os mais velhos através dos *Itans*. Os *Itans* são mitos em que os Orixás apontam para uma longa memória em que os Deuses habitavam a terra, uma necessidade de explicação da vida, dos fatos, das ações de um povo. (BASTIDE, 2001; VERGER, 1981; PÓVOAS, 2007)

Os terreiros são considerados como guardiões da palavra, por manterem ainda viva a tradição oral como forma de registrar os seus fatos históricos, gerando dessa forma, segundo Benites (2009, p. 32), a mitologia. De acordo com este autor, sempre há uma narrativa mitológica (*Itan*), um exemplo capaz de justificar qualquer coisa e qualquer prática, que não deve ser interpretado como curiosidade científica, mas sim como o reviver de uma mentalidade primordial. Entre vários *Itans* contados pelo povo nagô em suas narrativas no dia a dia do *ilê*, trazemos um que ouvimos no terreiro em uma das nossas visitas em que o Babalorixá Katulembá contava para as pessoas que estavam presentes. Depois que terminou a conversa ficamos sabendo por ele, que este é um dos *Itans* que ele ouviu de seus antepassados e que ele reuniu em uma coletânea escrita para que a memória não se perdesse.

Contam os mais-velhos que, tempos depois da criação do mundo, Olorum andava querendo saber como os humanos entendiam o espaço no tempo e o tempo no espaço.

Tinha que escolher um embaixador de tarimba: firme, decidido, paciente, profundamente observador e, principalmente, que soubesse aguardar sem dar um vacilo. Ninguém melhor do que Iroco, o Mestre do Tempo. Dito e feito: Olorum mandou e Iroco veio ao Iluaiê, para descobrir o que Olorum queria saber. Iroco recebeu ordens de procurar uma aldeia muito antiga e

conversar com Iroju, que era o morador mais velho do lugar. Procura daqui, procura dali, e ele terminou tendo informações sobre a aldeia, onde ele podia encontrar Iroju, o morador mais velho entre os mais-velhos da Terra. Depois de dias procurando, Iroco encontrou um homem que tinha uma boa informação. Iroco, chegou, bateu palmas e o homem veio atender. Terminou dizendo assim:

– Ah, moço, eu estou muito contente hoje. Um filho meu, que está ausente há muito tempo, vai chegar daqui a três dias. Logo, logo, ele vai estar aqui e o tempo é muito curto para eu tomar as providências que quero.

O homem conversou muito e animou Iroco a prosseguir. Disse que a casa do velho ficava perto dali e indicou a direção. Iroco agradeceu e se despediu. Andou muito, até que precisou procurar outro informante. Terminou encontrando outro homem, que pouco conversou. Apenas disse o seguinte:

– Ah, moço, eu estou muito preocupado com a ausência de um filho meu. Olhe, ele saiu tem uma hora e ainda não voltou. Eu não aguento mais essa demora. Tanto que eu queria saber em que lonjura ele está...

Iroco ficou por ali, olhando o mundo, esperando pacientemente, para colher mais alguma informação. Mas o homem continuava amuado e não adiantou puxar conversa. Para se ver logo livre da visita, o homem informou:

– Dizem que a casa do velho que o senhor procura fica para as bandas de lá... Mas é muito longe. Mas muito longe mesmo...

E apontou na direção a ser seguida. Iroco se despediu agradecido e se pôs a caminho. Para sua surpresa, logo depois da primeira curva da estrada, avistou a casa do velho, embora tivesse recebido a informação que a casa ficava muito longe. Andou só um pouquinho e foi logo chegando aonde queria.

Mas antes de se aproximar da casa de Iroju, Iroco resolveu descansar um pouco para pensar. Sentou-se numa pedra, debaixo de um arvoredado e ficou pensando sobre tudo o que viu e ouviu, naquela tão longa e, ao mesmo tempo, tão curta viagem. E ele terminou concluindo que nem precisava mais conversar com Iroju, pois já sabia a resposta para ser dada a Olorum: **A distância e o tempo têm o tamanho da preocupação.** (PÓVOAS, 2004, p. 22, grifo do autor)

Os *Itans* no candomblé apresentam extrema importância. São eles que imprimem as suas marcas, suas reformulações da natureza, transformando de “simples” elemento natural, objeto de exploração do ser humano a um elemento sagrado deste culto e para os adeptos do mesmo. O espaço, o tempo, longe, perto, tarde, noite, logo ali, é desta forma, recriado a partir das experiências do espaço e tempo vivido pelos candomblecistas que se aprende geograficamente. Para Corrêa (2001), o espaço vivido é o espaço construído pelas nossas relações simbólicas expressa nas significações que imprimimos nesse espaço, “rico em simbolismo que vão traduzir em sinais visíveis não só o projeto vital da sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura”. (CORRÊA, 2001, p. 32)

Durante a observação no terreiro percebemos coisas assim: permanecer e conviver no espaço do terreiro, mas tendo consciência do espaço coletivo, que é de todos nós, os espaços dentro do terreiro, a vegetação, as pedreiras, os rios, os pássaros os bichos enfim tudo que pertence, ao terreiro pertence à comunidade, é necessário colocar isso em evidencia, para que haja um equilíbrio, e entender que o pertencer é uma das primeiras formas de se fazer educação dentro do terreiro. De acordo com Katulembá, Babalorixá, do terreiro pesquisado, “não devemos trazer os costumes lá de fora. O terreiro tem outra dinâmica deixada pelos nossos ancestrais que é diferente da cultura do nosso país e esse país não tem a ideia do pertencer”.⁷

A geografia como forma de “ensinoaprendizagem” das questões espaciais necessita trazer para o cotidiano escolar, temas/conceitos que são cruciais na vida social dos povos de terreiro. Os terreiros de candomblé proporcionam, dessa maneira, uma transversalidade que permite discutir temas/conceitos que vão desde a formação sociocultural, passando por questões ambientais e pela noção de localização espacial. A cultura viva do terreiro e sua abordagem espacial destacam-se num campo para formação lógico-espacial, bem como cultural, e enriquecendo as relações socioculturais e humanas.

(8) s. m. Cargo ocupado exclusivamente por homens, em várias categorias; espécie de padrinho e que não vira no santo. (PÓVOAS 2007)

(9) s. m. Cargo ocupado exclusivamente por mulheres que não vira no santo. (PÓVOAS 2007)

(10) Resumidamente, *As águas para Oxalá* é um ritual que acontece, geralmente, no mês de janeiro, em que os praticantes da religião prestam homenagem e honraria ao Orixá Oxalá, considerado o mais velhos entre os orixás, que também é visto como orixá da paz e da sabedoria. É também o patrono do terreiro em que realizamos a pesquisa. Resposta do Babalorixá do Terreiro, Katulembá em conversa informal na visita que fizemos ao terreiro em julho de 2014.

(11) Palavra yorubá que significa refeição.

Os orixás e sua relação com o meio ambiente: uma relação sustentável

Ao longo do tempo, no terreiro pesquisado, as crianças ouvem sempre os mais velhos falando sobre a importância da terra e das coisas que foram criadas e como esses artefatos culturais e materiais são utilizados na prática religiosa. “Quando chego à escola e a professora fala da formação das águas, dos rios e mares fico pensando em Oxum, Iemanjá e do quanto elas nos presenteiam com suas riquezas em forma de peixes e água para beber”, fala o *ogan*⁸ Mogbá de 16 anos. Essas e outras falas foram ouvidas nas rodas de conversas com as crianças e os jovens do terreiro durante nossas visitas. Além do *ogan* Mogbá conversamos com Irolebum, 16 anos, Ojoiná, 14 anos e Maria Eduarda, 13 anos. Também ouvimos deles/a que “*quando a professora fala da fauna ou da flora não tem como não se lembrar de Oxossi ou de Ogum!*” diz Ojoiná, e ainda “*Tá vendo aquela árvore lá? Ela é Iroco, meu Orixá*”, complementa Irolebum e a conversa segue. Saberes de dentro do terreiro inter cruzados com os saberes geográficos que muitas vezes não são conhecidos pelos professores. Na comunidade de axé, os mais velhos e os mais novos compartilham axé e experiências que servem para vida, para entender a criação do universo e o tempo.

Outra observação realizada durante a pesquisa foi sobre o conceito de tempo, nesta comunidade, que é de tradição nagô, na qual o sistema boca ouvido é utilizado na construção dos saberes partilhados nas rodas de conversa. Por exemplo, durante as visitas ao terreiro, ouvimos coisas assim: “*o ritual amanhã será ao entardecer*” dizia a *ekedi*⁹ Corobi, se despedindo do grupo antes de dormir e no fundo da sala o *ogan* Fadori faz outro lembrete: “*vamos dormir pessoal que as Águas para Oxalá*¹⁰ *será na madrugada*”. Em maio de 2014 quando voltamos ao terreiro, mais uma vez, a organização do tempo é apresentada dentro de uma lógica nagô: “*O presente da Oxum, será na lua cheia*” e não esqueçam que a oficina de plantas medicinais “*será amanhã pela manhã*”, lembra o *Ogan* Oloriba na roda de conversa que se formou logo após o *ajeum*.¹¹ Não se usa o horário civil, convencional, sempre é pelas ordens da lógica do povo nagô, quase não se vê pessoas com relógio no terreiro ou consultando celular, mas é comum ver as pessoas olhando para o céu, para ver a posição do sol.

Ligado a estes ensinamentos, está o Orixá Tempo – de origem Angola e Congo – semelhante ao Iroco, da Nação Ketu e a Loko, de Nação Jeje. (PÓVOAS, 2007) Para os candomblecistas, Tempo é o senhor das estações do ano; regente das mutações climáticas. Ele está sempre em movimento, entre uma e outra extremidade dos polos. O Tempo é equilíbrio e desequilíbrio, ao mesmo tempo, ele é o segundo, o minuto, a hora; representada o momento também de maior purificação, feita através do banho com ervas, água do mar, de cachoeira, de rio, de mina e de chuva. A partir dos saberes que circulam nos terreiros e que chegam às escolas pelos praticantes da religião podemos articular rodas de conversas para discutirmos o movimento da terra e sua influência no clima, das estações do ano, na água do mar (maré alta e baixa), nas fases da lua. A relação do tempo que os povos nagôs utilizam é de uma singularidade cultural trazida pelos nossos ancestrais, preservadas e atualizada pelos pertencentes da religião, mas que pode ter circularidade a partir do nosso reconhecimento cultural e histórico no processo de escolarização.

A importância da religião de matriz africana para o ensino da geografia no ensino fundamental e médio

O ensino de geografia sempre foi ponto de preocupação para os professores que estão na educação básica. Desde a gestão e organização do tempo da aula, organização do conteúdo, o espaço da sala de aula como limitador de aprendizagem à utilização escassa de recursos pedagógicos. Para muitas escolas da região sul da Bahia, as aulas da geografia se limitam a transmissão oral de conteúdo engessado em livros didáticos desatualizados e descontextualizados. A geografia se relaciona com as práticas cotidianas. O terreiro de candomblé pode ser então um espaço onde se aprende de forma constante a se orientar e a saber dos significados da herança afro-brasileira. Os processos de ensino e aprendizagem podem ter uma grande potencialidade de proporcionar uma série de atividades relacionadas ao espaço sagrado, e ao processo de ensino de geografia na escola.

Figura 2: Marco principal de uma casa de candomblé: porta principal de entrada, ao sul.



Fonte: Acervo de Nunes (2014) para esta pesquisa.

O candomblé como religião afro-brasileira se destaca na caracterização dos espaços e seu significado. Nada é vazio de significado. Cada espaço possui em si um universo abrangente cheio de elementos simbólicos que se ligam a prática social e religiosa. São potências que podem ser utilizadas como uma alternativa interdisciplinar conectada com o fazer “dentrofora” da escola para o ensino da geografia.

A partir desse olhar, propomos uma aprendizagem articulada com a realidade da qual as crianças e jovens não só fazem parte, mas reconhecem a sua existência. Para as crianças pertencentes ao terreiro, esse lugar é o lugar da vida, da sua cotidianidade, onde aprendem a respeitar e a reverenciar a natureza com toda a sua simbologia religiosa.

Depois de observar o terreiro, temos algumas sugestões baseadas em saberes e princípios da organização espacial religiosa estabelecida pela prática afro-religiosa.

O quadro abaixo é um resumo do que propomos como articulador para uma das múltiplas atividades que poderão ser desenvolvidas a partir dos conhecimentos que circulam nos terreiros de Candomblé.

Quadro 1: Aprendendo geografia com as tradições nagôs

ORIXÁ	ESPAÇO	PRÁTICA	APRENDER/ENSINAR GEOGRAFICAMENTE
Exu	Entradas e portas e ruas. através da encruzilhada, que corresponde os pontos cardeais	Princípio da comunicação, por isso é o primeiro a ser referenciado.	Localização; orientação Migrações Internas/ externas, MOVIMENTOS POPULACIONAIS. Meios transportes/rodovias Geologia.
Ogun	Entradas e caminhos	Estrada, cuida dos objetos de ferro e aço, o segundo a ser referenciado.	A mineração Urbanização. Agricultura
Oxossi	Mata	Cultivo da mata e das plantações, o grande pesquisador.	Vegetação.
Logun-Edé	Mata e Agua.	Cultivo da mata e das águas, e das nascentes.	Vegetação Meio-ambiente hidrografia
Ossãe	Folhas	Cultivo das plantas medicinais e de culto, pai da cura pelas folhas.	Vegetação Agricultura
Oxum	Rios e águas doces	Fontes, flores e rios (dentro e fora do terreiro).	Hidrografia.
Iemanjá	Águas salgadas, espumas do oceano	Dentro e fora do terreiro (ir ao mar).	Oceanografia
Naná	Chuva e lagoas	Água doce e parada, lamas e limos.	Hidrografia/Climatologia
Oxalá	Atmosfera: criação inteira	A respiração e elementares da criação.	Climatologia

Fonte: Acervo de Nunes (2014) para esta pesquisa.

A configuração religiosa se expande pelo espaço que constitui o terreiro de candomblé ao mesmo tempo em que se liga em um universo maior de significado, desde o processo de comunicação relacional até os mais amplos ambientes sociais e naturais. Cada constituição das esferas naturais se justifica em um universo amplo que é utilizado de forma singular na educação no terreiro, constituindo-se não só de espaços divinos, divinizados, mas também humanos e amplamente respeitados. O fogo, o ar, a terra, a mata, as águas não são apenas forma amorfas utilizadas, mas sagradas, temidas e reverenciadas. São os domínios dos Orixás, que se manifestam nos fenômenos da natureza e nos cultos, nas cabeças de seus religiosos.

Conclusões provisórias

O terreiro como campo de pesquisa apresenta a importância da religião afro-brasileira para as que pessoas conheçam e reconheçam. O espírito de religiosidade que cobre os espaços sagrados faz com que seus adeptos encontrem a razão que os motivou a buscá-lo, seja pela fé, seja pela curiosidade, seja pelo valor que se dá à arte, a cultura e à própria natureza do espaço, entendendo que sacralização não vem da localização geográfica e sim da ritualística que implantou os axés no território e dos sentidos que os sujeitos imprimem a esse espaço.

Nosso estudo não está acabado. É um esboço com o qual buscamos ir além de simplesmente atingir objetivos. Queremos deixar pontos vazios, não abarcados, com a meta de fomentar conhecimentos futuros. Acreditamos que a geografia no ensino fundamental e **médio, e até mesmo na** universidade, deveria também abordar a importância que os terreiros dão ao território em que suas comunidades estão encravadas. Ali, tudo o que se faz está sob a ótica da dimensão do sagrado. O solo é sagrado, as plantas também. E os seres humanos situados no seu território compõem, junto com plantas, bichos e minerais a sustentação da vida em nosso planeta.

The geographical organization of Candomblé yard contributing to geography teaching

Abstract: This article is the result of a survey conducted on teacher training and the teaching of geography. Its purpose is to describe the organization of geographical space sacralized yard of Candomblé religion with African roots and present it as interface “natural space” and “urban space”, highlighting the importance of geography to religious practice in Candomblé and the teaching of geography. From an ethnographic approach, we reflect about the yard spaces of Candomblé *Ile Axe Ijexá Olufon Orixá*, located in the neighborhood Santa Ines, in Itabuna, Bahia. We consider its geographical organization as an educational pedagogical element to the teaching of geography. We can highlight the yard makes use of elements of geography, contributing as a source of research, study and teaching, as well as religious synthesis, helping to maintain and recreate traditions and african-brazilian cultures.

Keywords: Education in the of Candomblé yard. Educational networks. African influence. Geographical space. Cultural geography

Referências

- ALVES, N. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. *Educação & Sociedade*, Campinas: CEDES, v. 31, n. 113, p. 1.195-1.212, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.
- BASTIDE, R. *O Candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BENITES, T. *A escola na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas*. 2009. 115 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp085221.pdf>>. Acesso em 16 jun. 2015.
- CAPUTO, S. G. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012a.
- CAPUTO, S. G. Artefatos nas redes educativas dos cotidianos de terreiros de candomblé nas relações possíveis com as escolas: discutindo as noções de tradição, cultura e identidade. In: ALVES, N.; LIBÂNEO, J. C. (Org.). *Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2012b.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *A geografia cultural*. Florianópolis: EdUFSC, 1995.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. As abordagens da geografia cultural. In: INÁ, E. de C. et al. (Org.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- CORRÊA, R. L. et al. O terreiro de candomblé: uma análise sob a perspectiva da geografia cultural. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, v. 3, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www.tecap.uerj.br/pdf/v3/aureanice.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2016.
- CORRÊA, R. L. *Sobre a geografia cultural*. 2007. (Textos NEPEC, 3).
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Martins Fontes: São Paulo, 1992. 191 p.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.
- PÓVOAS, R. C. Dentro do quarto. In: CAROSO, C.; BACELAR, J. *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 2006.
- PÓVOAS, R. C. *Itan de boca a ouvido*. Ilhéus, BA: UESC, 2004.

PÓVOAS, R. C. *Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco*. Ilhéus: Editus, 2007.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ROSENDAHL, Z. *Espaço e educação na geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/8090/5875> >. Acesso em: 30 jun. 2016.

ROSENDAHL, Z. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. 92p. (Coleção Geografia Cultural).

VERGER, P. F. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio; São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

VERGER, P. F. *Lendas Africanas dos Orixás*. Disponível em: < <http://lelivros.top/book/download-lendas-africanas-dos-orixas-pierre-fatumbi-verger-em-epub-mobi-e-pdf/> >. Acesso em: 10 nov. 2014.